

OS CAMINHOS ÍNVIOS DE PRETÓRIA

Dom.
5/10/86

Quando da tomada da principal base do banditismo armado em Moçambique, situada na serra da Gorongosa, (Casa Banana), há um ano atrás, os documentos então capturados permitiram fazer fé de que as autoridades sul-africanas não haviam respeitado nem o espírito nem a letra do Acordo de N'Komati, firmado no início de 1984.

Na altura, a documentação capturada e o armamento que existia naquela base (que os bandidos megalomaniacamente consideravam a sua «capital» em Moçambique) evidenciavam relações directas entre a chefia do banditismo e a direcção política e militar de Pretória.

A África do Sul, antes e depois de N'Komati, nunca teve a intenção de abandonar os seus planos de desestabilização regional, de manter a zona sob estado permanente de tensão e guerra, procurando, outrossim, conferir-lhe um aspecto para consumo interno e externo de conflitos tribais, dissensões intestinas, de guerras civis.

A evidência feita, procuraram as autoridades de Pretória responder de forma evasiva, como o provam a insuficiência de medidas tomadas contra os ministros que se envolveram directamente no apoio à chefia do banditismo e aos militares e membros da inteligência militar que prometiam nunca abandonar os «ba's».

É evidente que a manutenção de um apoio directo, como vinha sendo feito até àquela altura, comportava os riscos de um maior isolamento internacional, já que o Acordo de N'Komati havia sido saudado como um passo pragmático para a paz na sub-região austral do continente particularmente pelos países industrializados do Ocidente aqueles que mantêm relações comerciais intensas e estreitas com Pretória e hoje mostram atitudes tíbias na aplicação eficaz de sanções à África do Sul, quando a máscara cai e mostra a realidade evidente — que é a África do Sul o principal foco de desestabilização e tensão na zona.

É que, se a evidência anterior não bastasse, outra se lhe junta, quicá mais grave, porquanto comporta os riscos de uma regionalização do conflito. Esta é indesejável, não corresponde aos interesses dos povos e países da zona, ávidos da paz necessária para enfrentarem o desafio maior que se lhes coloca neste dealbar de um novo milénio — a construção de uma economia sólida que permita a construção do futuro, livre das peias coloniais e das sequelas do subdesenvolvimento.

É indubitavelmente a África do Sul que joga com ambições territoriais de países africanos para quem o ideário da Carta da OUA nada diz. É um Malawi que já está a pagar na inflação e no custo de vida cada vez mais caro para os seus cidadãos este jogo ínvio de apostar nas cartas de Pretória.

Uma coisa temos para nós como certa: enquanto subsistir o sistema hegemónico do racismo sul-africano, enquanto países independentes deste nosso martirizado continente lhe continuarem a aparar o jogo em busca das migalhas de um banquete que não é seu, a Paz será impossível.